

ONOMÁSTICA: CONCEITOS, CLASSIFICAÇÕES E PROPOSTAS DE ESTUDO

ONOMASTICS: CONCEPTS, CLASSIFICATIONS AND STUDY PROPOSALS

Fernando Moreno da Silva¹

RESUMO

A Onomástica, disciplina teórica que se ocupa do estudo do nome próprio, é dividida, entre outras, pela Toponímia ou Toponomástica (estudo dos nomes de lugar) e Antroponímia ou Antroponomástica (estudo dos nomes de pessoa). Neste artigo, além de expor conceitos e classificações, há a proposta de novas áreas à Onomatologia (estudo dos nomes em geral) e a apresentação de possíveis pesquisas nas áreas de Toponímia e Antroponímia.

Palavras-chave: onomástica, toponímia, antroponímia.

ABSTRACT

Onomastics, a theoretical discipline that studies proper names, is divided, among others, by Toponymy or Toponomastics (study of place names) and Anthroponymy or Anthroponomastics (study of person names). In this article, in addition to exposing concepts and classifications, there is a proposal for new areas of Onomatology (study of names in general) and presentation of possible research in the areas of Toponymy and Anthroponymy.

Keywords: onomastics, toponymy, anthroponymy.

O estudo dos nomes

São vários os termos que poderiam ser empregados para nomear a disciplina que estuda os nomes: onomasiologia (“onomasi” = nome; “logia” = estudo); onomástica (“onoma” = nome; “ica” = arte, ciência); onomatologia (“onomato” = nome; “logia” =

¹ Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa (Conceito CAPES 6) pela Universidade Estadual Paulista / Araraquara, Brasil (2009); Professor Associado da Universidade Estadual do Norte do Paraná, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/0729836373175520>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9273-9667>. E-mail: moreno@uenp.edu.br

estudo). Do ponto de vista etimológico, portanto, *onomasiologia*, *onomástica* e *onomatologia* são sinônimos. Mas nos estudos lexicais há outras conotações. Resumidamente: Onomástica (topônimos e antropônimos); Onomasiologia (oposta à semasiologia); Onomatologia (sinônimo de Onomástica ou estudo dos nomes em geral).

Câmara Júnior (1996, p. 182) considera onomástica e onomatologia sinônimos: estudo linguístico dos antropônimos e topônimos. Dubois *et al* (2007, p. 441) registram apenas “onomástica”: “ramos da lexicologia que estuda a origem dos nomes próprios. Divide-se, às vezes, esse estudo em *antroponímia* e *toponímia*.” (grifo dos autores). Vasconcellos (1928, p. 177) emprega “Onomasiologia” para designar a ciência que estuda as várias espécies de nomes próprios, subdividida em três disciplinas secundárias: (i) estudo de nomes de lugar, ou “Toponímia”; (ii) Estudo dos nomes de pessoas, ou “Antroponímia”; (iii) estudo de vários outros nomes, ou “Pantonímia” (“pantóios” = de toda a espécie, variado; “onímia” = nome). Fernandes (1941, p. 13) se vale de “Onomatologia” para se referir à disciplina que estuda os nomes em geral, apresentando as seguintes subdivisões:

1. **Antonímia**: estuda antônimo (nome de sentido contrário);
2. **Antroponímia**: antropônimo (nome próprio de pessoa);
3. **Astronímia**: astrônimo (nome de astros, planeta, galáxia e corpos celestes);
4. **Axonímia**: axiônimo (nome de formas de tratamento, reverência e títulos);
5. **Biblionímia**: bibliônimo (nome de livros ou obra impressa);
6. **Criptonímia** (sinônimo de pseudonímia): criptônimo (sinônimo de pseudônimo);
7. **Cromonímia**: cromônimo (nome indicativo de cor);
8. **Crononímia**: cronônimo (nome indicativo de tempo);
9. **Eponímia**: epônimo (nome formado a partir de outros nomes);
10. **Etnonímia**: etnônimo (nome de povo e raça);
11. **Heortonímia**: heortônimo (nome de festas);
12. **Heteronímia**: heterônimo (nome imaginário).
13. **Hieronímia** (ou hagianímia): estuda hierônimo ou hagiônimo (nome de santos);
14. **Homonímia**: homônimos (nomes iguais na forma, mas com significados diferentes);
15. **Metonímia**: metônimo (mudança de nome);
16. **Mitonímia**: mitônimo (nome mitológico);
17. **Panteonímia**: panteônimo (nome de animais, astros, ventos, etc.);
18. **Paronímia**: parônimo (palavra que apresenta semelhança em relação à outra);
19. **Patronímia**: patrônimo (sobrenome derivado do nome do pai);
20. **Potamonímia**: potamônimo (nome de rios);
21. **Prosonímia**: prosônimo (apelido);
22. **Pseudonímia**: pseudônimo (nome falso para esconder o verdadeiro nome);
23. **Sinonímia**: sinônimo (palavra de sentido semelhante à outra);
24. **Teonímia**: teônimo (nome de deuses);

25. **Toponímia:** topônimo (nome de lugares).

Às 25 áreas onomatológicas de Fernandes (1941), propomos novas áreas:

1. **Acronímia:** estuda acrônimo (redução gráfica);
2. **Alonímia:** estuda alônimo (sinônimo de pseudônimo: nome falso);
3. **Aristonímia:** estuda aristônimo (nome de família nobre, dos brasões);
4. **Autonímia:** estuda autônimo (nome verdadeiro com que autor assina sua obra);
5. **Bionímia:** estuda biônimo (nome dos seres vivos);
6. **Coronímia:** estuda corônimo (nome de continente, país, região, estado, etc.);
7. **Eremonímia:** estuda eremônimo (nome de terras desertas e regiões desabitadas);
8. **Ergonímia:** estuda ergônimo (nome de profissão, trabalho, cargo, função);
9. **Ficcionímia:** estuda ficciônimo (nome derivado de obra literária ou de personagens);
10. **Fitonímia:** estuda fitônimo (nome de plantas);
11. **Geonímia:** estuda geônimo (nome geográfico, incluindo formas e relevos);
12. **Glossonímia:** estuda glossônimo (nome de língua, dialeto ou família linguística);
13. **Glotonímia:** estuda glotônimo (sinônimo de glossônimo);
14. **Hemeronímia:** estuda hemerônimo (nome de publicações periódicas, jornais e afins);
15. **Hidronímia:** estuda hidrônimo (nome de cursos de água);
16. **Hiperonímia:** estuda hiperônimo (sentido genérico em relação ao específico);
17. **Hiponímia:** estuda hipônimo (palavra de sentido específico em relação ao geral);
18. **Hodonímia:** estuda hodônimo (nome de vias de circulação);
19. **Holonímia:** estuda holônimo (designa totalidade de que outras unidades fazem parte);
20. **Isonímia** (ou isonímia): estuda isônimos (sinônimo de homônimos);
21. **Limnonímia:** estuda limnônimo (nome de lago ou quaisquer águas fechadas);
22. **Matronímia:** estuda matrônimo ou matronímico (sobrenome derivado da mãe);
23. **Meronímia:** estuda merônimo (parte de um todo designado por outra unidade)
24. **Neonímia:** estuda neônimo (novos termos técnico-científicos);
25. **Nesonímia:** estuda nesônimo (nome de ilha);
26. **Onionímia:** estuda oniônimo (nome de marcas ou produtos comerciais);
27. **Oronímia:** estuda orônimo (nome de montanhas, montes, colinas, cordilheiras);
28. **Ortonímia:** estuda ortônimo (nome civil correto, nome verdadeiro). Ver: autonímia;
29. **Retronímia:** estuda retrônimo (renomeação para diferenciar uma versão da outra);
30. **Siglonímia:** estuda siglônimo (nome formado por sigla). Ver: acronímia;
31. **Talassonímia:** estuda talassônimo (nome de mar ou oceano);
32. **Tecnonímia:** estuda tecnônimo (termo técnico-científico);
33. **Troponímia:** estuda o tropônimo (verbo de sentido específico em relação ao geral);
34. **Zoonímia:** estuda zoônimo (nome de animais).

O estudo dos nomes na Lexicologia: a Onomástica

Na Lexicologia, costumamos nomear a disciplina que se dedica ao estudo da origem, da evolução e dos significados dos nomes próprios de “Onomástica”, dividida, por sua vez, em duas áreas: toponímia ou toponomástica (que estuda nomes próprios de lugar) e antroponímia ou antroponomástica (que estuda nomes próprios de pessoa). Não se debruçam sobre nomes comuns; apenas sobre nome próprio. Para Seide (2007, p. 58),

os nomes próprios são os substantivos por excelência, são diferenciados dos demais nomes, pois mantêm uma relação unívoca entre nome e coisa pelo fato de designarem seres individuais, características que os torna os mais significativos de todos os nomes.

Investigando a ação nomeadora, valendo-se de aspectos históricos, geográficos, históricos e culturais nas suas investigações, a Onomástica se aproxima da etnolinguística, sobretudo quando voltada à história e à cultura local, afinal, “o uso da língua ultrapassa a mera função nomenclatória; ela reflete o modo de viver de uma cultura e a maneira desta representar os seus valores.” (SEABRA, 2004, p. 39). Por isso, a Onomástica realiza simultaneamente uma lexicologia social, histórica e cultural.

Ao lado da toponímia e da antroponímia, poderíamos acrescentar um terceiro eixo à Onomástica: a eponímia, que estuda as unidades léxicas (nomes próprio ou comum) derivadas de topônimos e de antropônimos, chamadas “epônimos”. Epônimos toponímicos (derivados de topônimos): *conhaque* (da região francesa “Cognac”), *paranaense* (do estado do Paraná); epônimos antroponímicos (derivados de antropônimos): *herculano* (de Hércules), *fáustico* (de Fausto), *sadismo* (Marquês de Sade), *masoquismo* (de Masoch), *calvinista* (de Calvino). Os epônimos antroponímicos são muito recorrentes nas terminologias, como a área médica: *tendão de Aquiles*, *músculo de Bell*, *trompa de Fallopio*.

Toponímia

A toponímia (“topos” = lugar; “onímia” = nome) investiga os topônimos (nomes próprios de lugar). Como ressaltam Dargel e Isquierdo (2014, p. 92), o estudo toponímico pode receber divisões. Primeiro, em dois grandes grupos: macrotoponímia (nomes de países, de estados, de municípios) e microtoponímia (nomes de rios, córregos, distritos, fazendas, ruas, etc.). A esses dois domínios, podemos delimitar ainda mais a abrangência do estudo: toponímia urbana (nomes de praças, ruas, avenidas, parques, etc.), toponímia humana rural (nomes de fazenda, chácaras, etc.), toponímia rural física (nomes de rios, cachoeiras, montanhas, etc.).

Os topônimos conservam tradições e costumes de uma comunidade, pois revelam aspectos histórico-culturais de um lugar e de um povo. Como disse Dick (1990, p. 22), “o nome de lugar exerce o papel de uma verdadeira crônica”, registrando no nome a história social e cultural para o conhecimento de futuras gerações. A toponímia relaciona

o nome do lugar a fatores sociais, culturais, históricos e ideológicos, recuperando e mantendo “o *modus vivendi* de povos que gravaram, nos acidentes físicos e humanos, sua peculiar mundividência/cosmovisão” (ANJOS, 2012, p. 314).

Ao analisar as várias designações (*Lago de Xarayes, Pantanaes, Pantanal, Mar de Xaraés, Pantanal de Xarayes*) do acidente geográfico que hoje se denomina Pantanal, Isquierdo (2006, p. 131) demonstra como a toponímia traduz os vários olhares dos conquistadores do espaço nomeado, os momentos distintos da história de ocupação da região pelo homem e a produção social do significado.

Silva e Silva (2016, p. 81) mostram que o predomínio de fitotopônimos e hagiotopônimos na região paranaense do Norte Pioneiro revela uma região muito tradicional, marcada pela dupla influência de naturezas física e antropocultural: pelos fitotopônimos, traduzindo uma região fortemente ligada à atividade agrícola; pelos hagiotopônimos, com a presença marcante da igreja por meio do catolicismo.

Andrade (2010, p. 139-140), por sua vez, mostra que, na toponímia tocantinense, os nomes são motivados pelos rios Araguaia e Tocantins. Às margens do rio Araguaia, os municípios *Araguacema, Araguanã, Araguatins*. Às margens do rio Tocantins, *São Salvador do Tocantins, Tocantínea, Tocantinópolis, Palmeira do Tocantins*. Além disso, mudanças políticas ficaram marcadas nos nomes, porquanto, após a divisão do estado de Goiás que resultou na criação de Tocantins, topônimos foram renomeados, substituindo “Norte” e “Goiás” por “Tocantins”: *Miracema do Norte* para *Miracema do Tocantins*; *Colina de Goiás* para *Colinas do Tocantins*.

...um nome de lugar, ao remeter a um espaço físico carregado de simbolismo, vai adquirindo certos sentidos que são resultados de tudo aquilo que se disse sobre ele, se viu e se viveu, sentidos que serão analisados enquanto “conotações” de um dado topônimo, conotações que podem ser reveladas quando se entrevistam moradores do lugar cujo nome se está estudando e que, obviamente, não são fixas, mas cambiantes, já que sofrem mudanças e transformações contínuas, ainda que historicamente inscritas. (SEIDE, 2010, p. 131)

Falar de toponímia é falar das origens de um território, das crenças de um povo e da constituição de uma língua, revelando-se uma disciplina interdisciplinar, envolvendo Linguística, Filologia, História, Geografia, Antropologia, Etnologia, etc. Por isso, o estudo toponímico pode ser pensado também no ensino. Andrade, Pereira e Ribeiro

(2014, p. 129), por exemplo, propõem no estado de Tocantins o estudo da toponímia como prática pedagógica aos alunos e aos professores das disciplinas de Geografia e de História do ensino fundamental para divulgar, identificar e conhecer os nomes de lugares e os lugares dos nomes.

Há vários projetos de atlas toponímicos para descrever e mapear a ocorrência de topônimos no Brasil: Atlas Toponímico do Brasil (ATB), Atlas Toponímico do Estado do Paraná (Projeto ATEPAR), Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (ATEMIG), Atlas Toponímico do Estado de São Paulo (ATESP), Atlas Toponímico do Mato Grosso do Sul (ATMS), Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins (ATITO), Atlas Toponímico do Estado de Mato grosso do Sul (ATEMS), entre outros.

Classificação de topônimos

O signo linguístico é caracterizado pela arbitrariedade entre significante e significado, fruto da convenção, sendo essencialmente (não exclusivamente, haja vista as onomatopeias) imotivado. O signo toponímico, ao contrário, por revelar “as pegadas humanas deixadas por todas as etapas históricas, linguísticas e sociais de uma localidade” (ISQUERDO; DARGEL 2014, p. 66), é essencialmente motivado. Depois de batizado, recebendo um nome, como afirma Dick (2010, p. 179), o lugar é capaz de significar e de transmitir sua significação. Entre o lugar e o não lugar – ou, nos termos de Dick (2010, p. 179), entre “nome-dito” e “não-nome” –, há transparência, “conscientemente ou não” (p. 178). Ao toponimista cabe investigar origem e causa do topônimo, sua motivação.

Nesse aspecto de motivação, a grande referência teórica nos estudos toponímicos no Brasil é Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (USP), responsável por apresentar um modelo taxionômico (DICK, 1992) com 27 taxes (ou tipos) de motivação, divididos em dois grupos: taxionomia² de natureza física (11 taxes) e taxionomia de natureza antropocultural (16 taxes).

² Dick (2006, p. 106) usa o termo “taxionomia”. Em sua tese, Seabra (2004) cita 243 vezes o termo “taxionomia”; não usa taxionomia, taxinomia, taxeonomia. Santos (2012) cita 267 vezes “taxionomia” e apenas uma “taxionomia”. Anjos (2012) não usa taxionomia nem taxinomia, apenas taxionomia (116 vezes). Os dicionários registram quatro variantes: taxionomia, taxionomia, taxinomia, taxeonomia.

a) **Taxionomia de natureza física:** astrotopônimo, cardinotopônimo, cromotopônimo, dimensiotopônimo, fitotopônimo, geomorfotopônimo, hidrotopônimo, minatotopônimo, meteorotopônimo, morfotopônimo, zootopônimo;

b) **Taxionomia de natureza antropocultural:** animotopônimo ou nootopônimo, antropotopônimo, axiotopônimo, corotopônimo, cronotopônimo, ecotopônimo, ergotopônimo, etnotopônimo, dirrematotopônimo (ou dirrematotopônimo)³, hierotopônimo, historiotopônimo, hodotopônimo ou odotopônimo, numerotopônimo, poliotopônimo, sociotopônimo, somatotopônimo (ou somatotopônimo)⁴.

Numa perspectiva terminológica, considerando cada uma dessas motivações um termo da Toponímia, Pereira e Nadin (2017, p. 225) denominam esse conjunto de “terminologia taxionômico-toponímica (TTT)”. Cada termo informa a motivação do nome, composto de um prefixo (relativo à entidade física ou humana), com acréscimo do termo “topônimo”: “hidrotopônimo” (hidro- + topônimo) faz referência à água; “etnotopônimo” (etno- + topônimo), a grupos étnicos; “historiotopônimo” (historio- + topônimo), a fatos ou personalidades históricas, etc. É preciso, no entanto, diferenciar, de um lado, os termos da Toponímia (taxionomia) e, de outro, os nomes próprios. Com isso, “antropotopônimos”, “fitotopônimos” e “zootopônimos”, por exemplo, são termos; “Arraial do Cabo”, “Três Coroas” e “Santa Clara”, nomes próprios.

O topônimo pode ter várias estruturas: nome simples ou complexo sem a entidade nomeada (*Gramado-RS, Porto Alegre-RS*), nome simples ou complexo com a entidade nomeada (*Rio Nilo, Fazenda São José*). O topônimo complexo é chamado “sintagma toponímico”, formado de:

a) termo genérico (entidade nomeada: o acidente físico ou humano): rio, fazenda, cidade, país, distrito, morro, lagoa, aldeia, rua, etc.

b) termo específico (o topônimo em si, o nome do lugar);

³ Do ponto de vista morfológico, são possíveis duas variantes terminológicas: “di + rema + topônimo” ou “di + rema + to + topônimo. A mais frequente é a segunda.

⁴ Embora seja mais frequente “somatotopônimo”, usa-se também “somatotopônimo”. Do ponto de vista etimológico, são possíveis duas variantes terminológicas: “som-” ou “somat(o)-” (do gr. *sôma* = corpo).

Ao termo específico composto de duas ou mais unidades lexicais, Marques (2017, p. 25), relacionando Fraseologia e Toponímia, propõe o termo “fraseotopônimo”:

Quadro 1: estrutura do sintagma fraseotopônimo.

Nome genérico	Fraseotopônimo
Fazenda	Boa Esperança
Fazenda	Bela Vista
Fazenda	Boa Vista
Fazenda	Vista Alegre
Fazenda	Ouro Verde
Fazenda	Nova Esperança

Fonte: Marques (2017, p. 28)

A relação entre termo genérico (determinado) e termo específico (determinante) Dick (1992, p. 10) chama de “relação binômica” e “simbiose”: *Rio* (termo genérico, ou seja, acidente geográfico) *São José* (termo específico, o nome do lugar). A taxionomia é baseada no termo específico: “Rio São_José” é classificado como hierotopônimo.

Santos (2012, p. 87-8) propõe uma segunda taxionomia ao sintagma toponímico, argumentando que tanto o primeiro quanto o segundo ou terceiro elemento são importantes à classificação. Por isso, ele adota os conceitos de “taxionomia simples” e “taxionomia composta”:

a) topônimo de taxionomia simples:

Topônimo: *Bananal* (nome de vilarejo). Taxionomia: fitotopônimo (SANTOS, 2012, p. 96);

b) topônimo de taxionomia composta:

- topônimo: *Bela Vista* (nome de campo). Taxionomia: animotopônimo e geomorfotopônimo (p. 98);

- topônimo: *Rio São Francisco* (nome de rio). Taxionomia: hidrotopônimo e hagiopônimo (p. 173).

Com a proposta de Santos (2012), temos duas maneiras de classificar um topônimo. Se a taxionomia tradicional classifica o hidrônimo “Córrego do Melo”

(SEABRA, 2004, p. 168) como um antropotopônimo, Santos (2012, p. 120) classifica “Córrego do Retiro” como hidrotopônimo e sociotopônimo.

Além da proposta de Santos (2012), outras surgem a partir da clássica tipologia de Dick (1992), que, aliás, já previa essa expansão:

À medida, porém, que se vai penetrando nos segredos das designações, verifica-se que outras formas denominativas podem ocorrer, não em detrimento das categorias propostas e já assimiladas, e, sim, em função da abrangência total e completa das taxionomias possíveis. (DICK, 1992, p. 29)

Isquierdo (1996) propõe ampliação à taxa dos animotopônimos: animotopônimos eufóricos (marca uma impressão agradável) e animotopônimos disfóricos (marca uma impressão desagradável).

Carvalho (2014) propõe ampliação à taxa dos hierotopônimos, incluindo, ao lado dos hagiotopônimos e dos mitotopônimos, os mariotopônimos (nomes de invocação à Virgem Maria), como, por exemplo, “Nossa Senhora Aparecida”, “Madre de Deus”, “Nossa Senhora”, “Senhora das Dores”, “Nossa Senhora da Piedade”.

Lima (1997) propõe ampliação à taxa dos hagiotopônimos: hagiotopônimos autênticos (nomes de inspiração religiosa); hagiotopônimos aparentes (nomes de inspiração política).

Anjos (2012, p. 65-6) propõe ampliação à taxa dos hidrotopônimos, com subtaxes: hidro-cromo-topônimo (ressalta característica cromática da água: “Riacho Vermelho”); hidro-hiper-topônimo (ressalta o volume excessivo ou a força da correnteza das águas: “Lagoa Cheia”); hidro-hipo-topônimo (ressalta o volume insuficiente ou precário das águas: “Riacho Seco”); hidro-termo-topônimo (ressalta características térmicas da água: “Riacho Frio”); hidro-halo-topônimo (ressalta a salinidade da água: “Riacho Salgado”); hidro-aspecto-topônimo (ressalta aspectos da água: “Lagoa Suja”).

Francisquini (1998) não propõe subdivisões, mas outras taxas: acronimotopônimos (topônimos formados de siglas); estamatotopônimos (relacionados aos sentidos); grafematopônimos (formados de letras do alfabeto); higitopônimos (relativos à saúde, à higiene, ao estado de bem-estar físico); necrotopônimos (relativos ao que é ou está morto, a restos mortais).

Antroponímia

A antroponímia (“antropos” = homem; “onímia” = nome) tem como objeto de estudo os antropônimos: nomes próprios de pessoa. Amaral e Seide (2020, p. 63)⁵ apresentam, com base nos exemplos do português brasileiro, uma proposta de classificação dos antropônimos, dividida em dois grupos: (i) antropônimos do registro civil e (ii) antropônimos não pertencentes ao registro civil.

O primeiro grupo (antropônimos do registro civil), denominado por Amaral (2011) de ortônimo (*ort(o)*=correto + *ónoma*=nome), compõe o nome civil completo, uma soma de prenome e sobrenome: *José Silva* (prenome = *José* + sobrenome = *Silva*).

a) Prenome

Também conhecido como “primeiro nome” ou “nome de batismo”, o prenome pode ser simples (João) ou composto (João Pedro).

b) Sobrenome

Também conhecido como “nome de família” (por ser transmitido de pais a filhos), esse antropônimo é o nome que sucede o prenome. No Brasil, é comum que o sobrenome da mãe venha antes do sobrenome do pai. Com isso, o registro do nome completo é formado da seguinte ordem: prenome + sobrenome materno + sobrenome paterno.

c) Agnome

Um tipo especial de sobrenome que indica repetição de nome de algum parente: *Filho*, *Neto*, *Sobrinho*, *Júnior*, *Segundo*. Em geral, o agnome serve para indicar a ascendência do nomeado e para diferenciar o filho do pai ou do avô que possuem o mesmo nome. Ex.: nome do pai: *José Silva*; nome do filho: *José Silva Júnior*.

No segundo grupo (antropônimos não pertencentes ao registro civil), também denominado por Amaral (2011) de alônimos (*al(o)* = diferente + *ónoma* = nome), estão os antropônimos que diferem do nome civil. Há vários tipos:

⁵ Amaral e Seide (2020, p. 63) também apresentam, considerando critérios linguísticos e sociais, uma proposta tipológica dos nomes próprios, englobando antropônimos, topônimos, organizações sociais públicas ou privadas, produtos da atividade humana, animais individualizados, eventos individualizados.

a) Apelido

Apelido, alcunha ou cognome é um nome atribuído a um indivíduo por outra pessoa, por referência a um aspecto físico ou moral, podendo ou não ser depreciativo. Por exemplo, um garoto chamado “Ronaldo” pode ter o apelido de “Faísca” por ser muito rápido. Outro, chamado “Francisco”, pode ter apelido de “Carequinha” pela calvície. Não há, portanto, correspondência entre apelido e prenome.

b) Hipocorístico

Formado a partir de alteração morfológica do antropônimo. É usado em geral em contextos familiares para imprimir carinho. Diferentemente do apelido, há uma relação de identidade entre prenome e hipocorístico. Preserva-se o mínimo de correspondência possível entre ele e a respectiva forma de base: “Fer” (Fernando), “Chico” (Francisco), “Dudu” (Eduardo). Surge com base no prenome por abreviação, duplicação, etc.

c) Pseudônimo

Pseudônimo é um nome empregado pelo próprio portador do nome, distinto de seu nome civil, diferenciando-se do apelido, que é escolhido por outra pessoa. O pseudônimo se diferencia também do apelido por não ter sentido pejorativo. Ex.: *Stanislaw Ponte Preta* é pseudônimo do escritor *Sérgio Porto* (1923-1968).

d) Codinome

O codinome oculta a identidade de alguém para nomear de maneira secreta um plano de ação, uma organização, etc. Trata-se, portanto, de nome falso. Enquanto o pseudônimo é empregado pelo próprio portador, o codinome pode ser escolhido pelo próprio portador ou por outra pessoa. Ex.: *Beira-Mar* é um codinome de *Luiz Fernando da Costa*.

e) Heterônimo

O heterônimo é o nome atribuído a um indivíduo fictício, criado com perfil ou estilo diferente de seu criador. Na literatura, o exemplo mais famoso são os heterônimos do poeta português *Fernando Pessoa*: *Alberto Caeiro*, *Álvaro de Campos* e *Ricardo Reis*.

f) Nome artístico e nome de palco

O nome artístico substitui o nome civil no meio artístico. Ex.: *Silvio Santos* no lugar de *Senor Abravanel*. O nome artístico também às vezes é chamado de nome de palco. O nome artístico está próximo do pseudônimo. Este é comum no meio literário; aquele, em atividades como a música, o cinema, o teatro e a televisão.

g) Nome de guerra

Próximo do apelido, do pseudônimo e do nome artístico está o nome de guerra. Diferente deles, o nome de guerra é empregado em ambientes restritos, como no meio militar, na prostituição e no crime. Ex. *Chico* é o nome de guerra de *Francisco de Oliveira*.

h) Nome religioso

É o nome usado por diferentes comunidades religiosas no lugar do nome civil. O nome papal, por exemplo, é o nome escolhido pelo papa durante o seu pontificado. *Bento XVI* (nome papal) foi o nome escolhido por *Joseph Aloisius Ratzinger* (nome civil).

i) Nome social

É o nome pelo qual pessoas travestis ou transexuais se identificam e são socialmente reconhecidas. Que adota o nome social não se identifica com o nome civil que possui, atribuído a um gênero diferente do qual ele ou ela se identifica.

j) Nome de urna

É o nome usado por candidatos em eleições. Ex.: *Professor Lemos* (nome de urna) é o nome usado por *José Rodrigues Lemos* (nome civil).

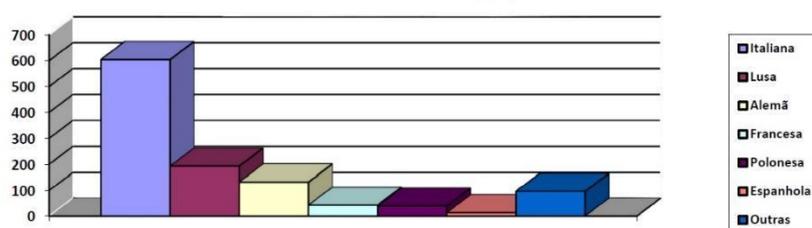
k) Nome parlamentar

O candidato eleito a um cargo legislativo deve informar o nome parlamentar. Ex.: *Padre João* (nome parlamentar) para *João Carlos Siqueira* (nome civil).

Guérios (1981, p.16) e Seide (2016, p. 350) afirmam que o antropônimo pode ser estudado de duas maneiras: sob o aspecto linguístico, sua origem etimológica; sob o aspecto social, as motivações da escolha. No primeiro modo, o nome tem um caráter estrutural; no segundo, passa a ser concebido como um discurso.

A genealogia documental dos nomes é um estudo etimológico. Um exemplo mais concreto, embora não trate especificamente dos étimos (formas primitivas), mas resvala no caráter etimológico, é a pesquisa de Eckert (2016), que analisou a origem étnica dos sobrenomes dos estudantes matriculados em 2015 no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *campus* Bento Gonçalves. Nesse perfil antroponímico, foram identificados 1.119 sobrenomes diferentes, num total de 1.824 registros. A partir dessa lista, foram tomados os vinte sobrenomes mais comuns, que equivalem a 272 registros: Silva (42), Souza (28), Oliveira (20), Machado (20), Rodrigues (20), dos Santos (17), Ferreira (14), Ferrari (12), Costa (11), Ribeiro (10), Bortolini (9), Corrêa (9), da Rosa (8), Fernandes (8), Martins (8), Nunes (8), Alves (7), Carvalho (7), de Toni (7) e Lazzarotto (7).

Figura 1: quantidade de sobrenomes por origem étnica.



Fonte: Eckert (2016, p. 55)

A maior parte das pesquisas tem se pautada no aspecto social, sobretudo nas motivações da escolha. Obata (2002, p. 5-10) elenca as várias razões que podem determinar a escolha dos nomes: motivos religiosos; motivos familiares ou de amizade; políticos ou históricos (nomes de personalidades ou até fatos políticos ou históricos); mídia; outros motivos, como superstição, fantasia ou gosto.

Seide (2013), em julho de 2012, com base nos relatos de acadêmicos do curso de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Campus de Marechal Cândido Rondon, investigou as motivações à escolha do nome próprio⁶:

Tabela 1: Classificação das motivações citadas pelos graduandos

MOTIVAÇÃO	Nº DE CITAÇÕES
mídia	9

⁶ Investigações semelhantes foram realizadas no Brasil (FREITAS, 2007; MEGALE, 2012; LIRA, HOSOKAWA, 2012; OLIVEIRA, 2012) e no exterior (ALDRIN, 2008; FRANCO, 2010).

homenagem à família	8
rima	4
religiosa	3
homenagem a outros	2
homenagem a políticos	zero
sonoridade	3
grafia	2
outros	12
Total	43

Fonte: Seide (2013, p. 93-4)

Numa concepção discursiva⁷, Cunha (2006, p. 81) estabelece uma tipologia discursiva de designação de pessoas:

- a) Discursividade linguística do nome: o nome está de acordo com a identidade normativa da língua;
- b) Discursividade de gênero do nome: o sujeito designado leva um nome com gênero coerente com o seu sexo (masculino ou feminino);
- c) Discursividade de idealidade do nome: a admiração que o sujeito designador tem por um determinado nome (estética, sonoridade, singularidade), sem que esse nome remeta a um referente;
- d) Discursividade de idealidade do referente: toma como referência um determinado referente que o sujeito designador admira, com que se identifica e deseja associar o sujeito em vias de designação, seja esse referente uma pessoa, um país, uma cultura, uma ideologia, etc.;
- e) Discursividade de efeito de evidência do nome (ou de transparência do nome): o sujeito designador escolhe ou concebe um nome de acordo com as circunstâncias de nascimento da criança;
- f) Discursividade de prefiguração discursiva de acontecimentos: o sujeito designador projeta, pelo nome, acontecimentos para a vida do sujeito designado; há, por essa discursividade, uma projeção para o futuro.

Essas motivações em torno do nome revelam que, apesar de um nome não ter sentido literal – razão pela qual um nome não pode ser traduzido –, discursivamente ele é permeado de significações, porque o ato de nomear, esse “colamento entre nome e

⁷ Outras abordagens discursivas do nome: Auroux (1998), Cunha (2007) Guimarães (2002), Souza (2002).

pessoa” (MARIANI, 2014, p. 134), revela marcas históricas e sociais. Para Souza (2011, p. 39), um antropônimo deve ser pensado como um signo: designa uma pessoa, mas também agrega representações, valores e princípios de uma sociedade. Nomear é dar existência simbólica às coisas e aos seres (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2016, p. 262).

Carvalhinhos (2007, p. 3) observa que na Antiguidade os nomes carregavam uma motivação, seja por atributos físicos ou morais que imprimiam ao indivíduo nomeado, seja por devoção ou pela crença de que um nome sagrado traria sorte ao portador. Hoje, impera um esvaziamento semântico nos nomes, pois são escolhidos por simples estética e sobretudo por influência da mídia.

Se ao nomeador é dada total liberdade para nomear, impera a “folia”. O que observamos é o gosto pelo exótico; um mesmo nome é grafado de diversas maneiras: *Susana, Susanna, Suzana, Suzane, Suzany, Suzani, Susane...* (MONTEIRO, 2002, p. 208). Parece que no Brasil a escolha é baseada no “quanto mais estranho, melhor” (CARVALHO, 2009, p. 68-69). Nomes estrangeiros aportuguesados: *Uilson* (de *Wilson*), *Taison* (de *Tyson*), *Leididaina* (de *Lady Diana*), *Magaiver* (de *MacGyver*). Nomes nativos que parecem estrangeiros: de *Eduardo* para *Edwardo*; de *Josiele* para *Josielly*; de *Oswaldo* para *Oswaldo*; de *Ana* para *Anna*; de *Carla* para *Karla*.

Impera no processo de nomeação a ideia de que o estrangeiro é superior a nós. Os registros dos cartórios revelam que, nas grandes cidades, um terço dos brasileiros de famílias pobres tem nome estrangeiro (BRUM, 2010):

Há 30 anos, havia quase quatro vezes mais **José** e **Maria** que hoje. Em 1970, a letra **y** estava reduzida a dois nomes (**Yéissr** e **Youry**). Em 1999, o **y** cobre três páginas e meia do livro, um aumento de **3.500%**. Hoje, o número de brasileiros cujo nome se inicia pela letra **k** triplicou. O **w**, como primeira letra do nome, aumentou em quase **70%** na preferência dos pais.

Na legislação brasileira, a lei federal de Registros Públicos n. 6.015, de 31/12/1973, apenas proíbe os prenomes ridículos: “os oficiais do registro civil não registrarão prenomes suscetíveis de expor ao ridículo os seus portadores” (art. 55). Como saber o que são nomes ridículos? Alguns nomes ridículos citados por Obata (2002, p. 9-10): “Antônio Morrendo das Dores”, “Jacinto Dores Peta”, “Abecê Nogueira”, “Dezeczêncio Feverêncio Delegas”, “Bemvindo o Dia do Meu Nascimento Cardoso”,

“Barrigudinha Seleida”, “Comigo é Nove da Garrucha Trouxada”, “Esparadrappo Clemente de Sá”, “Mar Índico Vivo”, “Oceano Atlântico Linhares”.

Em Portugal, por exemplo, a legislação é mais rígida. O Instituto dos Registos e do Notariado (<http://www.irn.mj.pt/sections/inicio>) disponibiliza lista de nomes para serem usados em registros e regras de composição dos nomes: “Vocábulo admitido e não admitido como nome próprio”. Na legislação portuguesa, o artigo 103 do decreto-lei n. 36, de 31/01/1997, determina:

O nome completo deve compor-se, no máximo, de seis vocábulos gramaticais, simples ou compostos, dos quais só dois podem corresponder ao nome próprio e quatro a apelidos, devendo observar-se, na sua composição, as regras seguintes:

a) ...

b) São admitidos os nomes próprios estrangeiros sob a forma originária se o registando for estrangeiro, houver nascido no estrangeiro ou tiver outra nacionalidade além da portuguesa;

c) São ainda admitidos os nomes próprios estrangeiros sob a forma originária se algum dos progenitores do registando for estrangeiro ou tiver outra nacionalidade além da portuguesa;

Se para a forma inglesa “Rosemary” há em Portugal o equivalente “Rosa Maria”, no Brasil abundam outras grafias: *Rosemeire, Rosemery, Rosimere, Rozemeire...*

A pesquisa onomástica

No estudo de topônimos e antropônimos, a pesquisa exige uma investigação de campo que conta basicamente com duas etapas: (i) acervo documental e (ii) entrevistas.

Na etapa documental, podem ser consultados diversos documentos: cartas e correspondências; escrituras de propriedade; livros paroquiais (casamento, batismo, óbito); documentos cartoriais; relatos de viagem; mapas, etc. Na investigação de campo, entre as ações no local se destacam as entrevistas com autoridades e moradores locais, sendo ideal que as entrevistas sejam gravadas para transcrições.

Coletados os dados, é preciso sistematizá-los em fichas lexicográficas que organizam as principais informações referentes a um nome. Para topônimos, as fichas

lexicográfico-toponímicas; para antropônimos, as fichas lexicográfico-antroponímicas. Não há um modelo rígido para essas fichas. O importante é conter dados essenciais⁸.

Para exemplificar a aplicação da ficha lexicográfico-toponímica, citamos a pesquisa de Seabra (2004), que analisou 210 topônimos de nove municípios da Região do Carmo, em Minas Gerais: Ouro Preto, Mariana, Barra Longa, Diogo de Vasconcelos, Acaiaca, Rio Doce, Alvinópolis, Dom Silvério, Ponte Nova.

Quadro 2: Exemplo de ficha lexicográfico-toponímica.

Topônimo: ÁGUA FRIA	Taxonomia: Hidrotopônimo
MUNICÍPIO: Barra Longa ACIDENTE: humano / povoado ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 1984) HISTÓRICO: Água Fria ~ Agoa Fria ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf[Ssing+ ADJsing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Para MACHADO (1984), o topônimo Água (do substantivo feminino água) é muito frequente sobretudo em compostos: “Água Alta, Água Branca, Olhos de Água [...]” Segundo HOUAISS (2001), este vocábulo é de etimologia latina, “aqua, ae” “água”. Fonte histórica: 973 “agua”, XIII “agua”, XIII “aga”, XIII “augua”. CONTEXTO: <input type="checkbox"/> Oral contemporâneo <i>“...foi nessa grota di cá... pu[r]qui lá lá... tem dois corgo[s]... tem um qui vem lá d'Água Fria i desce i tem o'troqui/qui vem lá do/do Bonfim...viu? I essa/esse Baú [es]tá mai[s] na/na direita qui vem do d'Água Fria viu?... cá emba'xo.”</i> (Cf. Anexo 1 – Entrevista 7 – P.48, L.126-128) <input type="checkbox"/> Documento escrito <i>“Aos 16 de Fevereiro de 1847 na Ermida de Agoa Fria o R. João Felicissimo Gomes de lecençabapt. Solmte. e poz os S. Oleos a José innocente filho legitimo de Albano José Rodrigues e D. Anna Candida de Moraes, brancos; nasceo o d'ime. a sette do d'omez e forãopadros. José Justiniano Gomes e D. Maria José de Jesus. O Vigº Mel. Justiniano da Sª.”</i> (Lº 6º de B. Longa fls. 91 apud TRINDADE, 1951:164).	

Fonte: Seabra (2004, p. 109)

Considerações finais

A pesquisa onomástica não é uma mera classificação de nomes. No caso específico dos topônimos, não se trata de encaixar nomes em categorias preestabelecidas, num exercício automático, relacionando denominação e taxionomia. Dick (2006, p. 106-8) observa que definir a causa motivadora de um nome é difícil em muitos casos por conta dos distanciamentos temporal e espacial entre o pesquisador e a ocorrência. A autora exemplifica o topônimo “Cabo Verde”, município mineiro. Segundo Dick, não se trata de geomorfotopônimo (relativo à forma topográfica “cabo”) nem de cromotopônimo (referente à cor “verde”), mas de um corotopônimo, em referência a “Cabo Verde”, país

⁸ Para ficha lexicográfico-antroponímica, os seguintes dados são essenciais: nome, naturalidade, data de nascimento, motivação para o nome (para entrevistas orais), nome do pai, nome da mãe. Para ficha lexicográfico-toponímica: topônimo e sua taxionomia, município, acidente, origem, histórico, informação gramatical, informações enciclopédicas, contexto de uso.

do continente africano. Isso é fruto do processo chamado “nomes transplantados, deslocados ou transferidos” de seu lugar de origem para outros pontos: *Cabo Verde* (África) para *Cabo Verde* (MG). Mas desvendar a classificação não basta. Listar motivações ou taxionomias tampouco. Esses não são o ponto final da pesquisa. São um meio para chegar à caracterização sócio-étnico-histórico-cultural dum lugar, duma pessoa, duma sociedade. O ato de nomear é simbólico, é revelador, pois o nome constitui um signo, um texto, uma impressão de fatores linguísticos e transcendentais, uma síntese de múltiplas determinações. A Onomástica, portanto, é uma área transdisciplinar, sem barreiras, pois exige uma investigação social, histórica, étnica, cultural...

Referências

- ALDRIN, Emilia. The choice of firsts names as a social resource and act of identity among multilingual families in contemporary Sweden. *International Congress of Onomastic Sciences*. York University, Toronto, Canada, p. 86-92, 2008.
- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro. *Alfa* (UNESP), v. 55, n. 1, p. 63-82, 2011.
- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia S. *Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira*. São Paulo: Blucher, 2020. 278p
- ANDRADE, Karylleila dos Santos. Projeto ATITO. In: ISQUERDO, A. N; FINATTO, M. J. B. (orgs.). *As ciências do léxico*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010. p. 133-143.
- ANDRADE, Karylleila dos Santos; PEREIRA, Carolina M Rocha Busch; RIBEIRO, Eduardo. Atlas Toponímico do Tocantins. In: ISQUERDO, A. N; DAL CORNO, G. O. M. (orgs.). *As ciências do léxico*. Campo Grande: EdUFMS, 2014. p. 129-148.
- ANJOS, Marcelo Alessandro Limeira dos. *Marcas toponímicas em solo piauiense*. 2012, 331 f. Tese (Doutorado Estudos Linguísticos), FL, UFMG.
- AUROUX, Sylvain. A questão do nome próprio. In: _____. *A filosofia da linguagem*. Trad José Horta Nunes. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.
- BRUM, Eliane. A Agonia de Zé da Silva. *Revista Época*, 13/12/2010. Disponível em: < <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI155886-15228,00.html>>. Acesso em: 11 fev 2019.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 1996 [1956]. 262 p.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. As origens dos nomes das pessoas. *Domínios de Linguagem*, n. 1, vol. 1, p.1-10, 1º sem. 2007.

CARVALHO, N. *Empréstimo linguístico*. São Paulo: Ática, 2009.

CARVALHO, Ana Paula Mendes Alves de. *Hagiotoponímia em Minas Gerais*. 2014. 822 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). FL, UFMG.

CUNHA, Lauro José da. *O Processo discursivo de designação de pessoas*. 2006. 253 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), IEL, Unicamp.

_____. O processo discursivo de designação de pessoas: a determinação histórico-social do nome próprio. In: BOLOGNINI, C. Z. (org.) *A língua inglesa na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2007, p. 49-52.

DARGEL, Ana Paula T. Patrício; ISQUERDO, Aparecida Negri. Apontamentos sobre os designativos de acidentes humanos rurais no estado de Mato Grosso do Sul. In: ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. (orgs.). *As ciências do léxico*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2014. p. 91-110.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

_____. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas; FFLCH/USP, 1992.

_____. Fundamentos teóricos da toponímia. Estudo de caso: ATEMIG. In: SEABRA, M C T C (org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 91-117.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de Linguística*. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

ECKERT, Kleber. Os sobrenomes dos alunos do IFRS campus Bento Gonçalves: um estudo onomástico. *Domínios de Lingu@gem*, vol. 10, n. 1, p. 46-66, 2016.

FERNANDES, Ivo. *Topónimos e gentílicos*. Vol. 1. Porto: Educação Nacional, 1941.

FRANCISQUINI, Ignez. *O nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranaíba*. Londrina, 1998. Dissertação (Estudos Linguísticos), UEL.

FRANCO, Yolanda Guillermina López. *Un siglo de nombres de pila en Tlalnepantla de Baz*. México, D.F.: Editorial Plaza y Valdes, 2010.

FREITAS, Antônio Elias Lima. Estrangeirismos de língua inglesa (o caso dos antropônimos). *SOLETRAS*, ano VII, n. 14, UERJ, p. 129-161, jul/dez. 2007.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes*. 3 ed. ver.e aum. São Paulo: Ave Maria, 1981. 267 p.

GUIMARÃES, Eduardo. O nome próprio de pessoa. In: _____. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, SP: Pontes, 2002.

ISQUERDO, Aparecida Negri. *O fato lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural*. Araraquara, 1996. Tese (Doutorado em Linguística e L Portuguesa), Unesp.

_____. De Laguna de los Xarayes a Pantanal. In.: SEABRA, M C T C (org.) *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 119-135.

ISQUERDO, Aparecida Negri; DARGEL, Ana Paula T. Patrício. Hidronímia e toponímia. In: ISQUERDO, A N; DAL CORNO, G O M (orgs.). *As ciências do léxico*. Vol. 7. Campo Grande: Ed. UFMS, 2014. p. 63-80.

LIMA, Bruno Cavalcanti. A hipocorização como processo não concatenativo de formação de palavras em português: a interface morfologia-fonologia em destaque. *Domínios de Lingu@gem*, Uberlândia, vol. 11, n. 3, p. 782-803, jul./set. 2017

LIRA, Michely de Souza; HOSOKAWA, Antonieta B Souza. *Revista Philologus*, Ano 18, Nº 54. Anais da VII JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, p. 47-57, 2012.

MARIANI, Bethania. Nome próprio e constituição do sujeito. *Letras*, Santa Maria, v. 24, n. 48, p. 131-141, jan./jun. 2014.

MARQUES, Elizabete Aparecida. Fraseotopônimos: estabelecendo diálogos entre a fraseologia e a toponímia. *Guavira Letras*, n. 25, p. 23-33, jul./dez. 2017.

MEGALE, Antonieta Heyden. O impróprio do nome próprio na roliúde brasileira. *Escrita*. Revista do Curso de Letras da UNIABEU, v,3, no.3, p. 15-25, set-dez. 2012.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 4 ed. Campinas: Pontes, 2002.

OBATA, Regina. *O livro dos nomes*. São Paulo: Nobel, 2002.

OLIVEIRA, Rosane Tesch de. Nomes próprios: formando palavras e ideias o neologismo na antroponímia. *Cadernos do CNLF*, v. XVI, n 04, p. 2324- 2332, 2012.

OLIVEIRA, Letícia A Correa; ISQUERDO, Aparecida Negri. Toponímia Urbana de Campo Grande. In.: NADIN, O L; FERREIRA, A A G D'Orange; FARGETTI, C M. *Léxico e suas interfaces*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016, p. 261-280.

PEREIRA, Renato Rodrigues; NADIN, Odair Luiz. Taxionomias toponímicas e relações com a Terminologia. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 217-243, 2017.

SANTOS, Joviano Gonçalves dos. *O nome e o lugar: a toponímia na região central de Minas Gerais*. 2012, 243 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), FL, UFMG.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a Toponímia da Região do Carmo*. Belo Horizonte, 2004. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), FL, UFMG.

SEIDE, Márcia Sipavicius. Contribuições de Michel Bréal para a pragmática e para a semântica lexical. *Revista do GEL*, v. 4, p. 55-81, 2007.

_____. Nomes de lugares: o viés enunciativo e o viés onomástico. In: ISQUERDO, A N; BARROS, L A. *As ciências do léxico*. Campo Grande: EdUFMS, 2010. p. 117-133.

_____. Motivações contemporâneas para a escolha do antropônimo. *Entreletras*, Araguaína/TO, v. 4, n. 2, p. 90-101, ago./dez. 2013.

_____. A identidade religiosa na antroponímia de Marechal Cândido Rondon. *RELIN*, v. 24, n. 1, p. 333-352, 2016.

SILVA, Fernando M; SILVA, Anderson C. M. A toponímia da região paranaense do Norte Pioneiro. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, v. 10, n. 17, p. 69-82, 2016.

SOUZA, Deusa Maria. *A latência do nome: um estudo histórico-enunciativo dos processos de designação no discurso ecológico-político-partidário*. Campinas, 2002. Tese (Doutorado em Linguística), IEL, Unicamp.

SOUZA, Suzana Maria Lucas Santos de. *Antropônimos de origem inglesa*. Araraquara, 2011. Tese (Doutorado em Linguística), FCL, UNESP.

VASCONCELLOS, José Leite de. *Antroponímia Portuguesa*. Lisboa: [s.n.], 1928.

Recebido em 20/03/2024.

Aprovado em 07/05/2024.